

## TRADUÇÃO

### Agronomia: Uma disciplina subversiva

do livro *A revolução verde* do autor *François Dagognet*

João Ricardo Rodrigues Coelho<sup>1</sup>

Gabriel Kafure da Rocha<sup>2</sup>

### Uma disciplina subversiva

No final da nossa investigação, surgem várias verdades; comentaremos apenas uma, o que diz respeito à antinomia entre a racionalidade e a vida, entre a tecnologia vitoriosa e a existência sacrificada, o conflito por excelência dos tempos modernos, marcado pela aceleração de profundas mutações estruturais, o fim do “oasis”, a invasão do planejamento e, por outro lado, o protesto vão de indivíduos indefesos ou escravizados.

Ainda ontem, as aldeias – como todos estes universos ocultos: o artesanato, o lazer, a escola – opuseram-se; eles limitaram a monstruosidade das cidades e das técnicas. Ainda existem muralhas e resistência hoje?

Durante muito tempo, os homens beneficiaram das florestas e dos seus imensos recursos, das ervas e da água, dos frutos da terra, do seu sabor. Eles decoraram suas pinturas com isso. Eles os introduziram no centro de sua liturgia, onde o pão e o vinho ainda ocupam um lugar de destaque.

A própria paisagem, simbiose do homem e da terra, define ou definiu o espaço de familiaridade e felicidade, o lugar privilegiado ou o horizonte da arte, do descanso e da história. Os

---

<sup>1</sup> Graduando em Agronomia pelo IF Sertão PE, Campus Petrolina Zona Rural. E-mail: [joao.ricardo1@aluno.ifsertaope.edu.br](mailto:joao.ricardo1@aluno.ifsertaope.edu.br)

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia pela UFRN. Docente Permanente do PPGFIL UECE e do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) Núcleo IF Sertão PE. Bolsista Produtividade Facepe/SECTI-PE. E-mail: [Gabriel.rocha@ifsertaope.edu.br](mailto:Gabriel.rocha@ifsertaope.edu.br)



**Revista Interdisciplinar**

caminhos decoram a planície, arejam-na; a variedade o anima; o movimento das linhas, das árvores, das plantas, sua sucessão, sua alternância, criam um todo harmonioso. Ainda ontem, a colheita, com os seus riscos ou por causa deles, foi um drama ou uma celebração.

Os deuses Palen não estavam ausentes. Deixemos a mitologia para trás: a aldeia não estava menos jubilosa. Os laços seculares ligaram e confundiram os eus e sociedades, “o cultural e o cultural”, até mesmo o próprio culto. Açúcar e algodão, trigo e vinha também dão vida a duas situações arquetípicas, duas imagens primitivas combinadas:

O da mãe terra que fornece - o das roupas e dos alimentos, o que aquece e restaura, o que nos toca mais intimamente, nos abriga e nos apoia.

Os símbolos que ilustram a vida do homem e a vida do cereal são os mesmos, procedendo do mesmo pensamento lógico, sem que seja possível dizer por que razão profunda o homem escolheu conceber-se como um grão de cevada que morre para renascer... Muitas filosofias no Mediterrâneo tomaram a orelha cortada como símbolo.

Mas a agrobiologia já estava a caminho, o que eliminaria os agricultores e as paisagens, o que varreria os nossos quadros existenciais e nos renderia um resgate duplo, impossível de pagar; a propriedade privada, tudo o que diz respeito ao lucro e à lucratividade, e também, correlativamente, o gigantismo da produção, consequências inevitáveis da dialética da evolução agrária.

Não podíamos hesitar muito entre a qualidade aleatória e esta quantidade garantida. Assim que as condições e os meios foram reunidos, aumentou as colheitas. Estamos começando a selecionar frutas com base em sua geometria, para que cada vez mais máquinas possam colhê-las, colhê-las, encaixá-las e vendê-las.

O “número” invadiu tudo. Retemos apenas sementes de espécies resistentes a parasitas e que resistem ao transporte, bem como a choques ou variações bruscas de temperatura. Desaparece o sazonal, o frágil, aquilo que encantava a vida, tornava-a especial - a cor de um céu, o sabor de uma casta, a delicadeza de um *terroir*.

**Revista Interdisciplinar**

Os próprios vinhos são brutalizados e misturados, não menos que as frutas, congelados e secos, mas entregues em todas as estações. Nada resiste: colhemos tudo à vontade, em qualquer lugar e a qualquer hora. Nada que não seja batido, moído, ensacado. A corrente pega e entrega.

Não só as coisas da terra, mas o trabalho, a panificação, ontem, uniu os opostos: um fermento que se deteriora e uma massa que deve ser amassada, transformada. A fábrica elimina esta irracionalidade: os bolores, bem rotulados, incham as farinhas num instante e dão um pão formal, mecânico, quebradiço - certamente crescido, mas sem sabor.

A agricultura foi dissolvida e pervertida, tal é a lamentação: o solo espalha uma profusão de bens ou melhor, bens homogêneos, vazios e sobretudo visuais (aparência, cor, etc.) mas que perderam a estrutura, a rede numenal do seu buquê ou seu fundente.

...

Estes problemas de separação entre o "rural" e a "fabricação mecânica", que opuseram Adam Smith e J. B. Say, Quesnay e François de Neufchâteau, Arthur Young o viajante e Sismondi o socialista, não puderam persistir, no meio ou no final do século XIX, e sobreviver ao século XX, senão por razões externas e indiretas.

Alguns amplificam a diferença "cidade-campo" para acelerar melhor a urbanização e a multiplicação de oficinas.

Eles não defendem assim a especificidade do rural, mas o colocam suavemente, com consideração, em uma zona anti-histórica protegida.

Privilegiar é isolá-lo; isolá-lo é colocá-lo ao abrigo e negá-lo.

Os outros também setorizam, portanto, exageram a diferença, mas para formar um bastião de resistência, uma anti-fábrica, reserva contra-revolucionária.

**Revista Interdisciplinar**

O "pequeno proprietário-operário" garantido por sólidas barreiras alfandegárias (o ministro Méline se torna seu apóstolo) desaprova calmamente os esquemas socialistas e equilibra as agitações-reivindicações dos trabalhadores.

Além disso, a Inglaterra e a França, desde meados do século XVIII, não pararam de discutir sobre este assunto; geografia da tecnologia, o Norte Europeu e o Centro-Sul defendem soluções espaciais ou fundiárias opostas:

A agronomia inglesa, é verdade, realizou as primeiras mudanças, mas com a ajuda dos cavalheiros ou dos comerciantes "desejosos de enriquecer e exportar".

Na França, os feudais e os senhores, mais ocupados em contornar o poder real — ao mesmo tempo que este tenta atraí-los para depois perdê-los —, não se envolvem claramente no jogo das transformações territoriais.

Eles desinteressam-se de seus vastos domínios; não hesitam, se necessário, em cedê-los ou vendê-los.

E é neste pano de fundo de oposição entre os liberais ingleses e os continentais centralizados que se destaca a questão crucial da propriedade e de seu ótimo.

Não podemos esquecer aqui as fortes observações de Alexis de Tocqueville que ajudam a corrigir uma tese muito abrupta: por um lado, os impostos e taxas esmagariam ainda mais o servo alemão, ou mesmo o proprietário inglês; por outro, a nobreza, na Alemanha, na Inglaterra, nos países do Norte e da Reforma, exerceria um poder mais restritivo do que na França.

**Ela comanda e não renunciou aos seus bens**

No entanto, as revoltas camponesas eclodirão aqui e não em outro lugar, e por muitas razões — por causa do vazio que a ruptura social (entre a Corte, a Cidade do luxo e dos negócios,



**Revista Interdisciplinar**

uma zona rural povoada por analfabetos, deficitária) abriu e porque o benefício da eventual fragmentação e apropriação se perde com métodos de trabalho rotineiros.

Não basta dividir o solo, é preciso enriquecê-lo e enriquecer-se, substituir uma agricultura miserável que alimenta, por uma agricultura que comercializa e vende seus grandes excedentes.

A Revolução de 1789 limitar-se-á a redistribuir um pouco as cartas e a intensificar as partilhas; colocar-se-ão à venda os bens das Igrejas, dos exilados, das comunidades (hospitais, abadias), as grandes reservas.

A pequena burguesia se apropriará deles, ao mesmo tempo que dos terrenos baldios e das áreas comuns abandonadas.

No universo da catolicidade, propõe-se, na violência jurídica, uma fragmentação e renovação das terras: entende-se por isso sair do impasse e liquidar uma civilização de prestígio, de decoração ou de luxo.

Pior, em 1793, com o receio de que o "possuidor" legue suas riquezas fundiárias através de um testamento, um direito familiar, e desta vez não individualista, enfraquecerá, suprimirá o poder de deserdar, o que acelerará a pulverização dos conjuntos fundiários.

Malthus não se engana: "Atualmente, na França, está-se realizando uma experiência perigosa sobre os efeitos de uma grande subdivisão da propriedade. A lei das sucessões prescreve o compartilhamento igual de toda espécie de propriedade entre os filhos, sem reconhecer o direito de primogenitura e sem fazer distinção de sexo, e só permite dispor de uma pequena porção por testamento."

Mas essa intensa distribuição tem raízes nas profundezas da política: ela reflete as lutas entre as classes sociais, em um país que distribuiu terras mas não misturou as camadas da população, daí esse contragolpe jurídico de uma nação de "pequenos agricultores" ou vicultores, protegidos pelo Código Civil e pela administração, e ainda mais, se o Estado os defende, eles o ajudarão em troca e o consolida.



**Revista Interdisciplinar**

Mas, no século XX, as fábricas de fertilizantes, a importância dos investimentos e até mesmo os tratores pressionarão essas estruturas sedimentadas e terão que quebrá-las.

Será necessário apagar a história da pequena burguesia proprietária e corrigir o tabuleiro rural.

Os protestos se multiplicam; de todos os lados surgem críticas; nas cidades sobrecarregadas, sufocantes e burocratizadas, sujeitas a uma invasão onde recebem e amontoam os habitantes das zonas rurais abandonadas, circulam mercadorias manipuladas: flores gigantes, frutas sem cheiro nem sabor, animais intoxicados e forçados, vegetais ocos, produtos geometricamente formados.

Um universo de pesadelo, uma alimentação distorcida, um céu poluído.

Não é possível aceitar todos os termos desta acusação, que inspira, afinal, uma filosofia pouco defensável.

Através dele, delinea-se o significado de uma certa literatura: uma função nostálgica de inadequação, imobilismo e atraso.

Mergulhamos demais na ruralidade e vivemos através de uma filosofia de sabedoria, de jardim, de cercados, em uma planície dividida entre vários e que oferece cereais pesados, frutas variadas, óleo e vinho.

Mas essa terra mudou, resultando numa discordância entre o mundo moderno, visto em tons sombrios, e aquele, de protesto, dos livros.

...

A qualidade, de fato, é estético-aristocrática, enquanto a quantidade é popular, senão humanitária.

A lei de Benett indica a frenesi de consumo de alimentos que eram considerados luxuosos anteriormente - ricos em proteínas e vitaminas - em detrimento dos subtóxicos, calóricos e energéticos.



**Revista Interdisciplinar**

Para distorcer a máxima, o homem não vive apenas de pão. Legumes, peixes, carnes, frutas se espalham.

Sua expansão implica na criação de uma indústria alimentar, no aumento das conservas, na minimização de custos, unidades de grande porte, controle total dos processos biossintéticos, submissão às técnicas maquinárias.

E quem poderia advogar pelo retrocesso, o abandono dessa agroindústria, dessas numerosas e imensas estufas que, em todas as estações, a preços relativamente baixos, inundarão os mercados com suas raízes, folhas, tubérculos e flores?

Mas se esses produtos forem deformados, monstruosos ou vazios? Esses qualificativos abrigam uma espécie de romantismo choramingão, uma teologia vaga, hostil às mudanças, como se o primeiro, o original, definisse um arquétipo intocável.

As sociedades deveriam se submeter ao "primitivo" edênico, mesmo que busquem aprimorá-lo ou modificá-lo.

Essa é a imensa surrealidade vegeto-animal atual.

...

No entanto, as flores devem murchar bastante rapidamente, as maçãs enrugam, os trigos fermentam.

Absolutizam-se ritmos.

Esquece-se que essa agricultura de sabor e de território implica na terrível alienação dos agricultores, esses falsos proprietários de um solo ao qual são sacrificados.

Por que abençoar tanto o antigo gesto do semeador, a poesia da fenação e da colheita?

Filosofia rural idílica, enganadora, que engana tanto aqueles que explora quanto aqueles que se beneficiam dela.





**Revista Interdisciplinar**

E acaba-se pensando que as árvores, as gramíneas, as frutas e as raízes formam um universo à parte, circunstanciado, isento das leis inflexíveis da energia e das sínteses estritamente materiais.

Indignemo-nos, conseqüentemente, com o fato de que a fábrica química despeje sobre as terras a ureia, a cianamida (nitrogênio e cal), os superfosfatos, a silvinita (potassa e cloreto de sódio), e especialmente que os animais - micromáquinas de leite e carne - recebam apenas alimentos-medicamentos (antibióticos e hormônios).

Ele prolonga os eixos da fisiologia, resultando em recordes, como por exemplo a rápida engorda, posturas regulares, superovulação provocada, tanto que, para citar números, "para um quilo de frango em 1955, eram necessários 4 kg de alimentos, em 1970, apenas 1; ou ainda, em 1930, eram necessários cinco meses para alimentar um frango de 1,5 kg com 6 kg de alimentos, enquanto em 1970, atingimos o mesmo resultado em 5 semanas, com 2 kg de alimento.

**Controlamos as "entradas" e as "saídas"**

**Eliminamos as doenças**

Ninguém pode reverter as regras vegeeto-animais. Apenas as direcionamos. Todas seguem, assim, os mecanismos reais.

É por isso que o pseudo-naturalismo das plantas cultivadas sem fertilizantes, uma vegetação inocente e primordial, a recusa de intervenções artificiais, mistificam os consumidores.

É mais apropriado defender a lata de conserva, as uvas de inverno, os trigos que o nitrogênio exalta, os tomates ultravermelhos, talvez amadurecidos à luz elétrica.

Não se pode opor ao mundo como ele é as fantasias de um passado precisamente ultrapassado: as aldeias, em sua forma antiga, desaparecem.





**Revista Interdisciplinar**

A planície inteira agora é drenada, nivelada, rastelada, arada com enormes arados. Está entregue a uma monocultura cada vez mais intensiva, irrigada com fertilizantes, orientada por estações agrônômicas que calculam os rendimentos tanto quanto todos os elementos.

Máquinas em breve cortarão, transportarão as frutas com maturidade igual, ou as ervas homogêneas. Em resumo, a quantificação e a padronização sem limites.

...

Apenas podemos prever, para retomar as questões do século XVIII, uma nova divisão territorial.

Provavelmente será necessário, com o auxílio de uma ampla cartografia aérea, reorganizar e dividir as províncias, o espaço rural.

Aqui, podem ser estabelecidos parques ou "reservas de animais", ali, florestas, em outros lugares, um lago, ou a extensão dos vastos campos agrícolas reunidos.

Um tabuleiro de xadrez, não mais na escala humana da paisagem parcelada, mas da região inteira ou do cantão, que deverá se preocupar em preservar as águas, os animais, as árvores e o ar.

Contra os censores, de fato, é preciso observar, destacar que a agrobiologia futurista intensiva pode se restringir, se limitar a limites estreitos, não avançar cegamente sobre as terras selvagens, nem sobre as reservas florestais indispensáveis.

**A natureza, como um todo, será salva**

Quanto àqueles que pregam o statu quo ante, deveriam lembrar que estão defendendo uma situação considerada bárbara na época e verdadeiramente destrutiva.

O Marquês de Turbilly deu o exemplo: ele escava, incendia, seca.

Ele subjuga, mais do que qualquer outro, a paisagem ao ferro e ao único lucro.



**Revista Interdisciplinar**

Ele desconhece os estragos da queimada, a lateritização, que cozinha a terra e a transforma irreversivelmente em tijolo.

Em seu rastro, desviam-se as águas, derrubam-se as florestas.

François de Neufchâteau já se queixa da intensa e selvagem desnudação do solo, mesmo que Buffon pareça favorável a isso.

E Rougier de la Bergerie deseja que a Convenção corrija os erros agronômicos dos pioneiros e, principalmente, pense em reflorestar.

Esses esclarecimentos têm como objetivo provar aos defensores obstinados das linhas e dos lugares que estes correspondem a intervenções brutais, que não são reflexo de uma situação inicial ou tranquila, mas sim de um estado de quase-violência.

Em seguida, para lembrar os dramas subjacentes às lentas transformações do espaço rural, que não para de mudar e, portanto, não pode ser imobilizado.

...

Aceitemos, se necessário, a proliferação das colheitas e frutas, as vinhas e campos regulamentados, sujeitos às leis da "produtividade".

Mas essa submissão aos rendimentos não traz consigo o espírito do capitalismo?

E, aliás, a reforma agrária que a acompanha, a teoria da propriedade que dela decorre, não são elas a segunda taxa que se deve pagar?

De fato, para dar o exemplo da França, a agricultura atual lá experimenta uma intensa concentração.

Morrem as fazendas de pequena amplitude, aquelas de 10 a 15 hectares, e prevalecem apenas aquelas que podem contar com um mínimo de 30 a 40, melhor ainda, de três hectares.

Esse movimento se amplifica principalmente a partir de 1960.



**Revista Interdisciplinar**

Lembremos que no século XVIII, o progresso implica então a venda e a apropriação das terras comuns.

Seja no século XVIII ou no século XX, triunfam em toda parte os mais ricos, aqueles que confiscaram o solo.

Paralelamente, como vimos, assistimos a uma transformação do trabalho, de sua natureza e de suas modalidades.

Por exemplo, em determinado distrito, abandonam-se as plantações tradicionais em favor da produção suína ou avícola, uma área que antes era acessória e familiar, que sobrevivia como podia nas malhas do antigo sistema principalmente cerealífero.

Hoje, portanto, estão sendo criados criatórios de 1000 a 10.000 poedeiras agrupadas.

Mas essas instalações e progressos são resultado de iniciativas privadas, investimentos caros e créditos de longo prazo.

O que ainda chama a atenção é a instabilidade desses conjuntos, e é por isso que eles se esforçam para se integrar, para se proteger, em redes mais amplas, realizando acordos verticais necessários que os garantem (ligações com as indústrias de leite e seus derivados, associadas a centrais de compras, criadoras de mercados e vendas).

Em resumo, o capitalismo arborescente, com suas numerosas filiais e sua complexidade, que envolve a agroindústria altamente especializada.

Será esse realmente o preço e o destino da evolução agrária que queríamos descrever?

Avançaremos uma observação dupla sobre este assunto:

O controle sobre o solo define um momento inevitável da história agrônômica.

Nada, originalmente, substitui o famoso "fazer-valer" direto.

É ele que levou à famosa cerca e que quebrou as divisões paralisantes.

**Revista Interdisciplinar**

Geografia econômica contemporânea: os regimes socialistas não deram, sem saber, indiretamente a prova da complexidade dos fenômenos de crescimento e do papel desse individualismo transformador?

A súbita transição de uma agricultura de servidão, bastante medieval, para uma agronomia coletivizada não resultou em certo fracasso?

Stalin não hesita, em 1929, em lançar, em promover um planejamento que leva à "supressão da oposição entre a cidade e o campo, entre a indústria e a agricultura".

Ou ainda: "Pode-se basear o poder soviético e a construção socialista em duas bases diferentes - uma indústria socialista muito grande e unificada, e uma economia camponesa muito fragmentada, atrasada, com excedentes fracos para o mercado?"

Daí a liquidação dos "kulaks" e a criação dos "kolkhozes", mas o teórico Nazarov não deixará de constatar, em 1965: "As explorações individuais permitem aumentar as reservas de produção agrícola, sem exigir nenhum investimento financeiro por parte do Estado, o que contribui para o aumento da produtividade do trabalho agrícola como um todo."

O Estado soviético tem interesse em apoiar as explorações individuais dos trabalhadores, já que são uma das principais bases para aumentar o nível de vida do povo.

Preconiza-se um duplo setor, o coletivista e o individual, mais ou menos entrelaçados, em todo caso, justapostos.

Antes de construir grandes conjuntos, não é necessário reunir as condições materiais e instrumentais favoráveis à sua gestão?

Não apenas tratores, mas também e principalmente as técnicas nutricionais, pedológicas, genéticas e fisiológicas.

Na hipótese contrária, a dispersão se impõe tanto mais porque é vantajoso não concentrar, no mesmo local, animais facilmente atingidos por parasitoses, graves epizootias.

**Revista Interdisciplinar**

Uma fazenda coletivista, agrupada, não deve, acreditamos, resultar de um simples imperativo de planejamento, do mero voluntarismo econômico-tecnológico, mas corresponder a uma soma de conhecimentos e a uma prévia inervação rural a partir de centros organizados.

A topologia do solo, o regime rural não pode se separar dos avanços do maquinário e da bioquímica aplicada.

Os soviéticos colocaram muita ênfase na importância do primeiro fator, mas, para se impor, ele precisa do segundo, que transformará gradualmente as bases da sociedade.

É preciso dar tempo para constituí-lo.

Não seria possível, portanto, transitar de uma agricultura atrasada para uma agroindústria sem a mediação de um sistema que envolve a divisão e o aprendizado das técnicas de fertilização.

A Nova Política Econômica soviética a destacou suficientemente: reconstituem-se alguns elementos da economia privada; dá-se vida a "micro-unidades" mais produtivistas; não se hesita, temporariamente e parcialmente, em incentivar certa descentralização, especialmente no que diz respeito às produções animais (criação, carne, leite, ovos, etc.) - setor onde a maquinaria rigorosa tem menos peso, e onde se deve apostar principalmente nos avanços da fisiologia e da bioquímica transformadoras.

Trotsky o observou pessoalmente: A vinte e cinco milhões de lares camponeses isolados e egoístas que, até ontem, eram os únicos motores da agricultura, fracos como o cavalo do mujique, mas ainda assim motores, a burocracia tentou substituir, de uma só vez, o comando de dois mil conselhos de administração de kolkhozes, desprovidos de meios técnicos, conhecimentos agrônômicos e apoio entre os próprios rurais...

Daí, aliás, a superioridade da comuna chinesa, mais lenta, mas mais firme em seu desenvolvimento, que preserva a especificidade material do rural, avançando apenas passo a passo, porque centraliza apenas o que domina totalmente.

Não apenas o arrozal chinês não acelera a evolução, mas também abre um caminho inédito: não conhece o período da "propriedade privada" e evita ter que retornar a isso, a fim de aumentar

**Revista Interdisciplinar**

uma produção que cairia. Em resumo, uma coletivização ao mesmo tempo audaciosa em seus princípios e medida em seu andamento.

...

Falar sobre a agricultura soviética não nos afastou fundamentalmente do século XVIII e de seus problemas: ela é o exato reflexo inverso.

A sociedade anglo-francesa, a continental, havia descoberto pacientemente alguns princípios de renovação rural e fertilização, mas esbarrava em estruturas comuns, sócio-jurídicas, particularmente prevalentes, que retardavam ou comprometiam o progresso.

Daí resultava um perigoso descompasso técnico-estrutural.

Será necessário uma "revolução" para realinhar os instrumentos de produção e o conjunto social que os utiliza, ou até mesmo a terra que deles beneficia.

A URSS forma a antítese, onde a "Revolução" parece estar à frente dos meios; o planejamento social agrário precede muito a tecnologia, ou, mais precisamente, reduz esta última apenas aos aparelhos mecânicos (os M.T.S., as estações de máquinas e tratores, organizações entre kolkhozes, são especialmente desenvolvidas lá), resultando em outra discrepância, um atraso subsequente nas mentalidades, rendimentos insuficientes, em suma, um relativo fracasso tanto nas previsões quanto nas provisões.

Assim, depois de tanto tempo estagnados em meio a questões às vezes limitadas - sobre florestas, espécies de árvores, impostos, sementes, vegetais, argilas - podemos propor conclusões mais gerais.

A produção capitalista, a fazenda individual, parecem definir um momento.

O que deve dissolvê-lo é, afinal, menos a vontade dos homens e seu justo descontentamento do que o advento dos novos instrumentos - menos os "tratores que decidem,

**Revista Interdisciplinar**

no entanto, sobre a questão da extensão dos lotes, do que a fisiologia da alimentação animal ou a agro química dos fertilizantes e suas modalidades de ação: o que dar à terra, quando e como?

A história da agronomia revela tanto os benefícios do capitalismo quanto como gradualmente este será eliminado.

**Logo, logo só restará o nome dela**

A ciência, que alguns filósofos julgaram neutra, estritamente material e apenas provedora de meios, mina aqui na realidade as estruturas mais seculares e consegue impor novos fins, já que confia a fabricação a vastos grupos.

Inicialmente, ela confiou isso a mãos particulares, a única maneira de quebrar técnicas rudimentares e um conjunto feudal bloqueado.

Agora, ela retoma e confia à equipe, deixando aos proprietários apenas o formalismo de seus títulos, uma vantagem magra que continuará a evaporar.

Dois erros opostos: o dos filósofos que, diante das dificuldades de toda natureza, pregam o retrocesso para os períodos idílicos do artesanal, sonham com uma produção harmoniosa, como nos jardins toscanos onde florescem plantas que nada deturpam.

**Atividades bucólicas em uma sociedade tranquila.**

E a dos políticos que pretendem se salvar por uma espécie de fuga para frente e impor, neste domínio esclerosado, mudanças imediatas.

Não podemos retroceder nem avançar demasiado para o futuro.

**Revista Interdisciplinar**

A técnica, o jurídico e o social estão solidamente interligados: não se pode mudar um sem necessariamente transformar os outros. Eles se movem juntos.

Portanto, o capitalismo, de uma forma ou de outra, foi um intenso movimento libertador.

E celebraremos ainda mais o princípio da propriedade privada quando for necessário, posteriormente, atenuá-lo ou combatê-lo como hostil à nova agronomia científica, à implementação de um conjunto em que os poderes públicos desempenham um papel cada vez mais determinante.

Uma vontade de posse não pode mais resolver os problemas agrários, que implicam uma ampla rede tecnológica, centros e muitos elos.

Além disso, as sociedades devem tanto controlar quanto programar as decisões, garantindo, direta ou indiretamente, a intensificação ou a introdução de novas produções, assim como o desaceleramento de outras.

Esses planos de longo prazo, várias impulsões e direções dificilmente se alinham com os interesses de alguns: eles encontrarão resistência.

A terra, que foi o bem mais cobiçado, aquilo que os proprietários compartilham entre si, deve então se tornar, cedo ou tarde, o centro de poderosas realizações coletivas, a pátria do socialismo, um socialismo cujas formas devem ser multiplicadas, pois não se pode simplesmente exportar os "modos" ou formas que tiveram sucesso em outros lugares.

Neste sentido, lembremos o primeiro erro de Quesnay: ele, que tirou a agronomia francesa do atoleiro, aplicou de forma muito literal o esquema inglês de desenvolvimento e afundará seu agrarismo.

De qualquer forma, este socialismo será reconhecido pela abundância de frutas e pela segurança das colheitas, das quais todos participarão mais ou menos e de que todos se beneficiarão.





**Revista Interdisciplinar**

Os dois infortúnios, que pareciam ligados à própria evolução da agronomia - ou seja, uma produção maximizada e a propriedade privada, a morte tanto das coisas quanto das relações humanas, a perda das colheitas e das sociedades - correspondem, em última análise, a dois paralogismos.

Tentamos mostrar as aparências enganosas e as implicações sorrateiras da agronomia qualitativa.

E devemos admitir: é com Boussingault e Liebig que começa o abismo, essa fissura que nos separa da terra que nos nutre.

Os fertilizantes, a química mineral, a fábrica, finalmente, substitui o solo, o substituem ou, pelo menos, o corrigem.

Como observamos várias vezes: as estufas completam essa transformação.

Os homens podem regular a atmosfera e sua composição lá. Antes de terem que, um dia, mudar o "motor vegetal" em si, com um rendimento particularmente baixo.

A agrobiologia futurista porá fim aos últimos vestígios do naturalismo obstinado: após a morte das aldeias e o desaparecimento dos camponeses, virá a morte da terra e até mesmo das plantas.

Quanto ao capitalismo, ele reflete um período de explosão.

O homem então rompe com um passado de estagnação e fome.

Necessária talvez, uma das maiores invenções do homem, torna-se posteriormente prejudicial, não apenas porque tende a desregular a produção, mas principalmente porque corre o risco de frear ou retardar um movimento de progresso que o suplanta.

Se as técnicas produtivistas rurais sacodem as estruturas jurídico-sociais, inversamente, estas podem buscar sobreviver e reduzir o poder das primeiras.

Só podemos unir os dois processos. A história da agronomia nos mostrou como um chama ou prepara o outro.



Esta é precisamente a razão pela qual essa agronomia permaneceu, por muito tempo, e ainda hoje provavelmente, nas mãos dos homens de Estado e dos ministros, de todos aqueles que se preocupam com a cidade.

**Não é apenas uma questão de agricultores, pastores e criadores de animais.**

Aliás, no passado, vimos o papel, a importância de pensadores como Turgot e Necker, Rumford e Mirabeau, François de Neufchâteau e Dupont de Nemours.

Todos perceberam que com ela se desenrolava o drama sócio-político por excelência.

De fato, a agronomia não pode ser definida por si só; nela se cruzam constantemente pelo menos quatro correntes: a da tecnologia rigorosa, capaz de fornecer máquinas e sementes novas; a do código rural, do status dos arrendamentos, dos arrendamentos, de sua renovação; a dos preços, da tributação, dos mercados, do consumo e da população; por fim, a dos relacionamentos com a indústria que acaba por absorvê-la totalmente.

Não se pode negar que a economia tenha nascido com a ciência dos campos que ela deveria despertar.

Reciprocamente, é a agronomia, a primeira produção a se organizar e a querer, a precisar se expandir, que fundamenta as pesquisas dos economistas e dos planejadores.

As duas disciplinas, originalmente, se confundem.

Quesnay, e seu famoso quadro, nos lembra disso.

**Revista Interdisciplinar**

Essa totalidade, essa disciplina-intersecção deve atrair o olhar do filósofo, que não pode ignorar o fato de que, por séculos, a terra foi a fonte de riqueza, o objetivo dos homens, a razão de ser de suas aldeias e associações.

Um teórico do geral deve seguir essa longa e sinuosa trajetória evolutiva, através da qual os campos, os instrumentos agrícolas e as relações sociais não param de mudar, a fim de se aprimorarem.

Acima de tudo, o filósofo não deve deixar de se preocupar com o fato de que neste exato momento o mundo secular em que caminhamos está desmoronando. A agroquímica o mina, o desloca, o revolve completamente, e o reconheceremos cada vez menos.

Ela desmantela nossas velhas categorias. Através dela, chegam "alimentos" e produtos vegetais-animais que desafiam as regras.

E é ela que, sem que saibamos e tanto quanto o mundo industrial, abre uma crise sem precedentes que afeta tanto as coisas quanto os homens.

Mais subversiva do que outras técnicas, porque ela transforma o que pensávamos ser imutável e quase sagrado: a paisagem, a terra, os gestos antigos, o pão e o vinho, a comida.

Portanto, é importante saber de onde vem essa tempestade que nos assola, seu significado, os erros a não cometer no meio desse cataclismo que nos tira aquilo a que nos agarrávamos desde sempre.